

**PROJETO MOSAICOS DO CORREDOR DA SERRA DO MAR
(IA-RBMA / CEPF)**

**RELATÓRIO DA OFICINA REGIONAL DE ARTICULAÇÃO
DO MOSAICO CENTRAL FLUMINENSE**

11 e 12 de maio de 2006

Parque Nacional Serra dos Órgãos – Teresópolis, RJ

Elaborado por Clarissa Magalhães e Karla Ribeiro

OBJETIVOS: Informar sobre o Projeto de Apoio à criação de Mosaicos na Serra do Mar; explicitar o papel dos mosaicos e articular organismos gestores; discutir e referendar a área de interesse para criação e implementação do Mosaico da Região Serrana Fluminense; propor arranjos institucionais; buscar a definição de parceiros, responsabilidades e agenda integrada de trabalho.

CONVIDADOS: MMA; IBAMA DF/ RJ; Instituto Estadual de Florestas- IEF - RJ; gestores e proprietários das unidades de conservação propostas para o Mosaico Fluminense Central; prefeituras municipais; Conselho Nacional da Reserva da Biosfera e Comitê Estadual RBMA – RJ, CEPF; ONGs e facilitadores regionais do projeto: Instituto Terra Nova – RJ; Fundação Matutu – MG; Associação Cairuçu – RJ.

PARTICIPANTES:

- *Gestores ou representantes das seguintes UCs públicas:* Parna Serra dos Órgãos, PE Três Picos, Parque M. Curió de Paracambi, Parque M. do Rio Preto, Rebio Tinguá, APA Petrópolis, APA Guapimirim, APA Maravilha, APA Taquaruçu, APA Macacú, Esec Paraíso¹ e Esec Guanabara;
- *Proprietários ou representantes das seguintes UCs particulares:* RPPN El Nagual, RPPN Mata dos Pilões;
- *Órgãos de defesa do meio ambiente:* Instituto Estadual de Floresta – IEF/RJ, Instituto Brasileiro de Recursos Naturais Renováveis – IBAMA/ RJ;
- *Gestores municipais:* Secretaria de Meio Ambiente de Petrópolis, Semades – Paracambi, Secretaria de Meio Ambiente de São José do Alto Rio Preto;
- *Equipe técnica:* CN-RBMA, CEPF;

¹ A APA Macacú e a Esec Paraíso foram representadas por ONGs que trabalham diretamente na implantação das referidas UCs.

- *Articuladores locais*: Instituto Terra Nova (RJ), Associação Cairuçu (RJ) e Fundação Matutu (MG);
- *Instituições de pesquisa e organizações não governamentais*: Instituto Terra, Associação Mico Leão Dourado, Instituto Bioatlântica, Fundação SOS Mata Atlântica, Movimento Verde e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

METODOLOGIA: A programação da Oficina de Articulação Regional do Mosaico Central Fluminense (Anexo 1) foi discutida previamente na equipe técnica do projeto. O principal objetivo do serviço de moderação, realizado por Clarissa Magalhães, foi o de facilitar o diálogo e a aprendizagem para as discussões sobre a missão e o desenho físico do Mosaico Central Fluminense.

Os trabalhos em grupo foram inicialmente propostos pensando-se em uma grande quantidade e diversidade de atores (governamentais e da sociedade civil). No entanto, a coordenação do projeto ponderou que seria vantajosa a realização destas primeiras oficinas envolvendo apenas os gestores das unidades de conservação e representantes dos órgãos de Gestores de diferentes instâncias, uma vez que a motivação e mobilização destas instâncias são condições *sine qua non* para a criação e implementação dos mosaicos. Diminuído o número de participantes e diversidade de atores, todas as discussões foram feitas em plenária, norteadas pelos seguintes pressupostos de moderação:

- **Enfoque participativo** como forma de propiciar o debate, a inclusão do outro e a troca de experiência entre os diferentes participantes da oficina, respeitando o saber trazido por todos os participantes sem hierarquizar pessoas ou conhecimentos;
- **Visualização** como forma de permitir o registro visual de todo o processo de construção coletiva;
- **Reflexão lúdica** sobre temas e conflitos envolvendo a criação e implementação do mosaico, realizada por meio de apresentação de teatro de bonecos (Anexo 2).

1. Abertura da Oficina

A 1ª Oficina Regional de articulação do Mosaico Central Fluminense foi aberta pelo anfitrião da casa, o gestor do Parque Nacional das Serra dos Órgãos, Ernesto

Viveiros de Castro. O gestor deu as boas vindas a todos participantes, destacando que muitos ali presentes já vinham participando das negociações para a criação do Mosaico Central Fluminense e que a concretização deste projeto seria um grande ganho operacional para as Unidades de Conservação da região. Dando seguimento, Ernesto chamou à mesa algumas das autoridades presentes: Maurício Lobo, gerente executivo do Instituto Estadual de Florestas – IEF – RJ, Heloisa Dias, do Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica – CN- RBMA, Hélio Vanderlei, presidente da Associação Nacional de Municípios e Meio Ambiente – ANAMMA, Breno Herrera Coelho, representando a Superintendência Estadual do Ibama (RJ) e Ivana Lamas, representando o Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos – CEPF.

Heloisa Dias coordenou as apresentações, iniciando com agradecimentos a todos os presentes, ao PARNA da Serra dos Órgãos por sediar o evento e aos órgãos de Gestão Ambiental e organizações de articulação local pelo apoio à oficina. Foi frisado o grande valor da região para a conservação da Mata Atlântica e importância dos resultados já alcançados com a experiência prévia de articulação do Mosaico Central Fluminense. Falou sobre o projeto e disponibilizou para todos os dados e prestações de contas, respeitando o princípio de transparência da RBMA em seus projetos.

Na seqüência, Ivana Lamas apresentou o fundo financiador do projeto, frisando a importância da criação dos mosaicos dentro de um dos objetivos gerais do CEPF, o de fortalecer a criação e implementação de UCs na Mata Atlântica, que é um dos *Hotspot* da conservação do mundo.

Breno Herrera Coelho apresentou o Núcleo de Mosaicos da Superintendência Estadual do Ibama, criado para articular os mosaicos de UCs no estado. Destacou que já existiam diversos produtos oriundos da experiência de três anos de articulação do Mosaico Central Fluminense, inclusive uma minuta de portaria. Também frisou a importância da articulação dos três níveis governamentais para a efetividade do Mosaico.

Hélio Vanderlei falou sobre o fundamental papel do município na conservação ambiental, da interface que o poder municipal faz com a realidade local e da importância de se considerá-lo no Mosaico.

Maurício Lobo iniciou sua fala agradecendo a RBMA pela iniciativa. Falou sobre as ações do IEF - RJ para conservação ambiental no Rio de Janeiro, provavelmente, o estado com maior número de UCs de proteção integral, enfatizando que o órgão vem empenhando grande esforço em estabelecer procedimentos únicos entre os gestores das UCs sob sua administração. Colocou-se bastante favorável ao estabelecimento do Mosaico Central Fluminense, destacando que a integração entre as UCs é importante especialmente no contexto da implementação do Plano Nacional de Áreas Protegidas. Frisou, no entanto, que isto não pode comprometer o trabalho de construção de metodologias de controle já consolidado em cada órgão, havendo a necessidade de deixar bem claro o protocolo de integração das ações, os critérios de funcionamento do mosaico. Grifou que formas de gestão muito rígidas são desaconselháveis.

Heloisa reforçou as palavras do gestor, agradecendo sua presença e explicitando a necessidade da parceria do órgão estadual para o processo de criação e consolidação do Mosaico Central Fluminense. Reforçou também a importância da autonomia de cada UC no processo de integração de ações.

Neste momento a coordenadora do projeto, Heloisa Dias, entregou o título de Posto Avançado da RBMA às RPPNs Fazenda Santo Antônio e APA Petrópolis devido à importância dos trabalhos desenvolvidos.

Dando seqüência aos debates da mesa, Ernesto falou sobre o grande desafio colocado para o mosaico, o da articulação entre os três níveis de governo. Colocou que sua visão sobre o Mosaico era especialmente de um fórum permanente de diálogo, e que este espaço não substituíria, de maneira alguma, a gestão de cada UC.

Breno enfatizou a importância de se colocar o Mosaico no contexto do fortalecimento do Sistema Nacional de Meio Ambiente - SISNAMA, e de entender a proteção ambiental de maneira integrada, afinal, o ecossistema é algo contínuo e não vê as divisas de municípios, estados e unidades de conservação. Lembrou que entre as UCs federais já existem práticas de ações integradas, o que foi complementada por Yara Valverde (gestora da APA Petrópolis) que falou sobre a existência de indicadores concretos dos benefícios desta integração.

2. Apresentação dos Participantes

Na seqüência das atividades, a mediadora fez uma proposta de apresentação dos participantes da oficina solicitando que os presentes preenchessem cinco tarjetas com as seguintes informações: 1) Nome, 2) UC/ Instituição, 3) O que o Mosaico pode contribuir? 4) Riscos e limites e 5) Dúvidas/ Sugestões.

Cada participante apresentou suas respostas, as quais foram coladas em um quadro que ficou exposto durante toda oficina (Anexo 3). Além de apresentar os participantes, a dinâmica também tinha o objetivo de levantar visões preliminares sobre o mosaico possibilitando assim uma visualização e reflexão inicial das idéias e ideais que identificavam e diferenciavam os participantes neste tema. Assim, após todas as manifestações a mediadora fez um balanço das principais reflexões trazidas pelos presentes. Percebeu-se que as respostas sobre o papel do Mosaico giraram principalmente em torno de sua contribuição para a conservação ambiental da região e para a gestão das unidades de conservação. Notou-se que as respostas sobre riscos/ limites e dúvidas muitas vezes se confundiam. Aqui, muitas foram às citações sobre a fragilidade política do Mosaico, deste espaço ser usado como uma ferramenta de influência política e a possibilidade dele ser susceptível a influências político partidárias (dentro da mesma esfera de governo e entre as diferentes instâncias da federação). Questões sobre a operacionalização do Mosaico também apareceram bastante, especialmente sobre seu tamanho e a forma de integração das três esferas de governo.

Com isso, a mediadora fez a apresentação dos objetivos da oficina, repassando a programação e estabelecendo os acordos de convivência. Foram levantados pelo grupo e acordados por todos os seguintes pontos: 1) Objetividade nas falas, 2) Respeito aos horários combinados e atualizados e 3) Respeito à fala de cada um, dando-se espaço especialmente aos gestores das UCs do Mosaico.

3. Apresentação do Projeto e das Unidades de Conservação da Região Central Fluminense

Dando seguimento, Heloisa Dias, coordenadora técnica do projeto, apresentou as atividades da Reserva Biosfera da Mata Atlântica e os objetivos do Projeto “Apoio a

Criação de Mosaicos de UCs no Corredor da Serra do Mar”, reforçando a visão da RBMA de aproveitar e fortalecer as iniciativas já existentes nos territórios para a implementação dos mosaicos. Foi destacado que a RBMA já estava em contato com os setores jurídicos do diversos órgãos ambientais para garantir o apoio técnico à elaboração das minutas de portaria dos mosaicos, que deverão ser redigidas pelas Comissões de Trabalho e aprovadas em plenária na IIª Oficina Regional. Também foi frisado por ela que a reunião do GT será iniciada com a apresentação do relatório de prestação de contas do projeto e do planejamento de despesas futuras. Colocou a importância de nivelar o entendimento sobre áreas protegidas, entendendo-as não somente como unidades de conservação e estar atento para como essas áreas poderiam entrar no Mosaico Central Fluminense. Também reforçou a idéia de que os mosaicos devem ser vistos como mais uma ferramenta de gestão das UCs e não como uma nova instancia gestora.

Dando continuidade, Breno apresentou o histórico de articulação do Mosaico Central Fluminense. Iniciou sua fala tratando da importância dos mosaicos, na sua visão, a melhor ferramenta técnica para combater a fragmentação da Mata Atlântica, além de otimizar os recursos financeiros e humanos das unidades de conservação. Quando das primeiras discussões sobre a criação do Mosaico Central Fluminense pensava-se na inclusão de 11 unidades de conservação: REBIO Tinguá, ESEC de Alcobaça, APA Guapimirim, APA Petrópolis, PARNA Serra dos Órgãos, REBIO Estadual de Araras, PE dos Três Picos, APA Estadual dos Frades, APA da Floresta Jacarandá, ESEC Estadual Paraíso e APA Municipal Guapi-Guapiaçu. Em 2005 foi lançado o edital 2005/01 do FNMA para o financiamento de mosaicos de UCs e o Instituto Terra Nova foi o proponente do projeto enviada ao fundo que, no entanto, considerava apenas quatro UCs federais da região (REBIO Tinguá, APA Guapimirim, APA Petrópolis, PARNA Serra dos Órgãos). Neste momento, segundo o expositor não houve interesse dos órgãos estaduais no projeto e não havia contatos com muitas RPPNs. Foi destacada também a criação de uma câmara técnica de mosaico na Superintendência Estadual do Ibama (RJ), coordenada por ele e que vem dando continuidade às discussões sobre o mosaico. Apesar de não ter sido aprovado o projeto pelo FNMA, esse processo resultou em diversos produtos, incluindo uma minuta de portaria para a criação do Mosaico e uma proposta de composição do seu Conselho Consultivo (embasado no modelo de conselhos das unidades de conservação), sendo

que muitos conselhos de UCs chegaram inclusive a eleger seus representantes para o Mosaico. O expositor terminou sua fala frisando a importância de se aproveitar estes produtos e não “partir do zero” nas discussões sobre o Mosaico Central Fluminense que estarão sendo realizadas no âmbito do Projeto de Apoio à criação de Mosaicos.

Completando a fala de Breno, Leonardo, do Instituto Terra Nova apresentou o mapeamento das UCs da região, frisando a necessidade do estabelecimento de critérios de sobreposição das UCs e da necessidade de discutir o território de abrangência do mosaico (inclusão ou não das zonas de amortecimento e APPs).

Na seqüência das atividades, os gestores e representantes presentes fizeram a apresentação de suas UCs. A apresentação tinha como critério apenas o tempo máximo de 15 minutos. A tabela a seguir apresenta apenas alguns pontos importantes citados pelos palestrantes, sem ter o intuito de demonstrar todas as informações apresentadas.

Tabela 1 – Resumo das apresentações de UCs realizadas na I Oficina Regional de Articulação do Mosaico Central Fluminense

Gestor (ou representante) / UC	Plano de Manejo/ Conselho Gestor	Principais Vetores de degradação/ Desafios de Gestão	Destques
1. Luiz Henrique/ REBIO Tinguá	Está em andamento a revisão da composição do Conselho	<ul style="list-style-type: none"> • Pressão Antrópica (região metropolitana da baixa fluminense). 	<ul style="list-style-type: none"> • Maior reserva da Mata Atlântica; • Elementos históricos (império).
2. Yara Valverde/ APA Petrópolis		<ul style="list-style-type: none"> • Ocupação desordenada (especialmente na Serra das Estrelas). 	<ul style="list-style-type: none"> • Banco de dados atualizado.
3. Ernesto Viveiros de Castro/ PARNA Serra dos Órgãos	Plano de manejo sendo atualizado/ Conselho sendo reestruturado	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de recursos humanos; • Pressão antrópica no entorno; • Apenas 30% do Ibama; • Duas áreas de ocupação interna. 	<ul style="list-style-type: none"> • Primeira UC da região; • Infraestrutura; • Ações de pesquisa e educação ambiental.
4. Theodoro Hungria/ RPPN Mata dos Pilões	-		<ul style="list-style-type: none"> • Cenário próximo ao século XVIII; • Ações de educação ambiental.
5. Gabriela Viana/ Esec	Sem plano de manejo/ Sem	<ul style="list-style-type: none"> • Invasão no entorno 	<ul style="list-style-type: none"> • Infra estrutura em construção;

Paraíso	conselho		<ul style="list-style-type: none"> • 25 moradores reassentados; • Ações de educação ambiental, • Próximo ao Centro de Primatologia
6. Mariella Uzêda/ Macacu	APA	Em fase de implantação: Plano de manejo em elaboração/ conselho gestor em discussão com a comunidade	
7. PE Picos	Três	Conselho Consultivo sendo implementado.	<ul style="list-style-type: none"> • 24 funcionário, mas apenas um analista; • Extração ilegal de palmito; • Caça; • Regularização Fundiária.
8. Marco Aurélio Fróes/ APA e Taquaruçú	Maravilha e APA		<ul style="list-style-type: none"> • Brigada Voluntária; • Elementos históricos e culturais; • Plano diretor do município em fase de elaboração; • Grande núcleo de agricultura orgânica.
9. Breno Herrera / APA Guapimirim		Conselho renovado em 2003/ Tem Plano de Manejo recente.	<ul style="list-style-type: none"> • Poluição industrial; • Falta de saneamento no município; • Excesso de currais de pesca. • Projeto de ecoturismo.
10. Breno Herrera / Esec Guanabara		Criado com consulta pública.	<ul style="list-style-type: none"> • Área sem ocupação de propriedade pública; • Manguezais Primários; • Cadastro de pescadores
11. Edvandro Ribeiro/ RPPN El Nagual		Tem plano de manejo.	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de mudas; • Reflorestamento; • Educação Ambiental; • Centro de visitantes; • Reciclagem de todo o lixo produzido.

4. Levantamento da missão/ objetivos do Mosaico Central Fluminense

Para o levantamento dos objetivos do Mosaico Central Fluminense, foram feitas duas propostas: 1) Utilizar o documento produzido na primeira reunião técnica do projeto, verificando sua adequação à realidade local ou 2) Produzir um texto completamente novo (o que não impediria que os objetivos levantados previamente e

considerados importantes fossem citados). Uma vez que já havia no grupo um histórico de discussão dos objetivos do Mosaico, foi preferida a segunda proposta.

Assim, enquanto os participantes manifestavam suas opiniões, a mediadora anotava as idéias chave em tarjetas colando-as no quadro. Depois que todos os participantes manifestaram suas opiniões, as idéias chave (Quadro 1) foram lidas pela mediadora e aprovadas como base à redação dos objetivos gerais do Mosaico.

Quadro 1 – Levantamento de idéias sobre a missão do Mosaico Central Fluminense

- Realizar reuniões periódicas do Conselho;
- Ação integrada para operações conjuntas;
- Estratégia de monitoramento em escala regional;
- Reconhecimento e implantação de corredores ecológicos;
- Estratégia de articulação com esferas federal, estadual e municipal para identificação e criação de UCs;
- Estratégia de articulação com esferas federal, estadual e municipal para formulação e implementação de políticas públicas integradas;
- Concentrar e disseminar informações ambientais sobre a área de influência;
- Fortalecer uma identidade regional;
- Fortalecer a gestão regional integrada respeitando a autonomia das UCs componentes;
- Acompanhar projetos ambientais em curso na área do Mosaico;
- Fomentar o desenvolvimento comunitário com base conservacionista;
- Fomentar estratégias integradas de conservação.

5. Determinação do desenho territorial do Mosaico Central Fluminense

Para decidir sobre o desenho territorial do Mosaico Central Fluminense, foi proposto pela mediadora um momento de argumentação para inclusão de UCs e outro de contra-argumentação para a não inclusão de alguma unidade. Como já havia na região uma discussão prévia de quais UCs seriam importantes de compor o Mosaico, o grupo optou por colocar essa listagem no quadro e passar diretamente para as contra-argumentações. O Quadro 2 apresenta as UCs listadas com alguns argumentos para sua inclusão, manifestados durante as apresentações e debates da oficina.

Quadro 2: UCs levantadas para inclusão no Mosaico Central Fluminense e alguns argumentos apresentados durante a oficina

- *Uso integral*

1. **Rebio (federal) Tinguá:** Limítrofe com APA Petrópolis;
2. **Parque Nacional Serra dos Órgãos:** região central do Mosaico;
3. **Esec (estadual) Paraíso:** Limítrofe com APA Petrópolis e PE Três Picos;
4. **Esec (federal) Guanabara**

5. Parque Estadual Três Picos: Limítrofe ao Parnaso e conectividade com outras UCs.

- Uso sustentável

6. APA (federal) Petrópolis: Tem histórico de ações integradas com outras UCs federais;

7. APA (federal) Guapimirim

8. APA (estadual) Macacú: Protege importantes mata ciliares;

9. APA Macaé de Cima: Limítrofe ao PE Três Picos;

10. APA (estadual) Jacarandá: Tem sobreposição com o PE Três Picos;

11. APA (estadual) dos Frades: Tem sobreposição com o PE Três Picos;

12. APA (municipal) Maravilha: 50 km do Parnaso e 60 km da APA Petrópolis;

13. APA (municipal) Taquaruçú: 50 km do Parnaso e 60 km da APA Petrópolis;

14. APA (municipal) Guapi – Guapiaçu

Particulares

15. RPPN El Nagual: Dentro da APA Petrópolis, dentro da zona de amortecimento do Parnaso;

16. RPPN Pedra dos Amarílis;

17. RPPN Campo: Na zona de amortecimento da Rebio Tinguá;

18. RPPN Querência: Dentro da APA Petrópolis;

19. RPPN Mata dos Pilões: Dentro da APA Petrópolis;

20. RPPN Limeira: Dentro da APA Petrópolis;

21. RPPN Graziela Maciel Barroso: Dentro da APA Petrópolis.

Nas contra argumentações foram discutidos especialmente as UCs:

- *APA dos Frades e APA Jacarandá:*

Essas duas UCs estavam no desenho inicial do Mosaico Central Fluminense. No entanto, foi argumentado que elas não possuem gestores ou qualquer outro indício de implementação e, além disso, são UCs com grande parte de sua área sobreposta ao PE dos Três Picos, que é componente essencial do Mosaico. As argumentações para a sua inclusão basearam-se na importância que a sua participação pode ter para motivar as autoridades a dar mais atenção para estas áreas. Com isso ficou acordado que a equipe do projeto estaria oficiando a Fundação Estadual de Engenharia e Meio Ambiente - Feema (órgão responsável pelas áreas) questionando sobre seu interesse em participar do Mosaico.

- *APA Macacú:*

Na argumentação para a não inclusão desta UC foi colocado que ela não estaria implementada. No entanto, a representante do Instituto Bioatlântica colocou que o Plano de Manejo da UC estava em fase avançada de elaboração assim como a

mobilização para formação do Conselho. Segundo ela, a UC não tem um gestor específico, mas existe uma pessoa da Feema que está acompanhando o processo de perto. Como para todas as UCs da Feema, que não tinha representantes na oficina, foi decidido que seria enviado um ofício, sendo frisado o especial interesse na inclusão desta UC.

- *APA Macaé de Cima*

É uma APA limítrofe ao PE Três Picos, mas foi contra argumentado que sua inclusão acarretaria na necessidade de somar diversas outras UCs que, no entanto, possuem outra identidade. Foi então acordado que ela não seria incluída para não haver um inchamento do Mosaico.

- *APA Maravilha e APA Taquaraçu (municipais)*

Na argumentação para não inclusão destas UCs foi colocado que elas não tem conectividade direta com o Mosaico e que ainda teriam que ter sua legislação atualizada (no caso da APA Maravilha). Por outro lado, foi argumento por seu representante que a APA Taquaraçu poderia se ligar à APA Petrópolis no caso da criação de uma APA no município de Petrópolis, que, segundo gestor municipal presente, já está em fase adiantada. Foi ainda destacado pelo gestor das UCs que sua inclusão seria importante para valorização das unidades de conservação municipais e possibilidade de criação de outras além de que seria difícil estas UCs participarem de outro mosaico que não do Central Fluminense. Foi então acordado por todos que as APA seriam incluídas uma vez que seus decretos estivessem atualizados em tempo hábil para a publicação da portaria do Mosaico.

- *RPPNs*

Sobre as RPPNs foi acordado que seriam incluídas no Mosaico aquelas que estivessem dentro da sua área de abrangência e homologadas até o envio da portaria. Combinou-se também que outras UCs particulares seriam contatadas pelos proprietários presentes a partir de levantamento a ser disponibilizado pela Mariella do Instituto Bioatlântica. Também foi demandado pelos participantes que a escolha

dos representantes das RPPNs para o Conselho do Mosaico fosse feita pelos próprios proprietários e não através da Associação.

Durante o debate, ficou clara – sendo inclusive explicitada pela mediadora - a utilização de critérios territoriais (proximidade e identidade) e processuais (grau de implementação, existência de conselho gestor etc) para a inclusão ou não de UCs. Sobre isso foi frisado pela coordenadora do projeto, Heloisa Dias, que as questões processuais não deveriam ser eliminatórias, mas que se atentasse ao papel gerencial do Mosaico, o que implicava na necessidade da existência de um gestor ou responsável pelas áreas que o compõem. Desta forma, foi proposto e acordado pelo grupo que seriam levantadas UCs territorialmente relevantes e que ficaria a cargo do Grupo de Trabalho do Mosaico, refletir e redigir os critérios administrativos para a participação das UCs.

6. Escolha do Grupo de Trabalho e construção da agenda

Antes da escolha do Grupo de Trabalho, foi reforçada pela coordenadora a importância do comprometimento dos gestores em preencher o questionário e a necessidade de envio de base cartográficas digitalizadas das UCs em escala de, no mínimo, 1:50.000. Para formação da comissão de trabalho, a coordenadora técnica do projeto atentou para alguns critérios importantes: haver uma representação de cada instância e, de preferência, serem representantes que tenham participado da oficina. O Quadro 3 apresenta o Grupo de Trabalho do Mosaico e sua agenda.

Quadro 3 – GT do Mosaico Central Fluminense e sua agenda

Grupo de Trabalho do Mosaico Central Fluminense:

- *Órgãos ambientais:* Ibama (Breno e Ernesto), IEF (Flavio e Adriano);
- *Conselhos Gestores da Rebio Tinguá e APA Petrópolis:* Move (Mônica);
- *Articulação Regional:* Instituto Terra Nova (Leonardo) e Ibama (Luiz Henrique);
- *Equipe técnica do projeto:* RBMA (Heloisa Dias e André Nolf).

Encaminhamentos para o GT Mosaico Central Fluminense:

- Elaborar minuta de portaria para formalização do Mosaico Central Fluminense;
- Determinar data e ajudar na mobilização dos atores sociais para a II Oficina Regional de articulação do Mosaico Central Fluminense;
- Pensar diretrizes para composição do Conselho Consultivo do Mosaico;
- Acompanhar a elaboração do Dossiê do Mosaico Central Fluminense;
- Acompanhar o planejamento e execução físico financeira do Projeto.

Sugestão de data: 08/06/2006 (10:00) na REBIO Tinguá.

7. Avaliação da Oficina

Foi proposta uma avaliação da oficina levando-se em consideração dois aspectos: seu **processo** (metodologia) e seus **resultados**.

Avaliação de Processo

A avaliação de processo foi feita na plenária onde cada um pode expor pontos positivos e negativos da oficina e do projeto. As principais idéias chave dos comentários são apresentadas abaixo:

- O encontro foi elucidativo quanto ao papel do Mosaico e seu funcionamento, Pode avançar nas discussões do Mosaico;
- Houve seriedade nos trabalhos;
- A organização e recepção foram boas;
- Os acordos firmados foram mantidos;
- A oficina foi bastante democrática;

Avaliação de Resultados

Para avaliação dos resultados da oficina, os participantes foram convidados a responder três perguntas, colocando suas respostas, em escalas de cores, no quadro da dinâmica de apresentação. Os resultados são apresentados na tabela 2.

Tabela 2 – Avaliação de resultados da I Oficina Regional de Articulação do Mosaico Central Fluminense

Perguntas de avaliação dos resultados	Ainda não *	Médio/ mais ou menos*	Bastante*
Atingimos o objetivo de definir a missão do mosaico?	4	4	13
Os desafios foram contemplados e discutidos?	6	10	8

As dúvidas foram sanadas e considerações contempladas?	5	9	4
--	---	---	---

* Durante a apresentação alguns participantes colocaram mais de uma resposta, neste caso, eram pintadas mais de uma tarjeta.

8. Documentos levados à oficina: elementos para a futura criação de banco de dados do Mosaico Central Fluminense

- Apresentações das UCs
- Projeto de criação do Mosaico Central Fluminense elaborado pelo Instituto Terra Nova para participação do Edital 01/2005 do Fundo Nacional do Meio Ambiente.

9. Elementos para elaboração do Plano Estratégico do Mosaico Central Fluminense

Embora não fosse esse um objetivo da I^a Oficina Regional do Mosaico Central Fluminense, durante as atividades foram feitas diversas colocações relevantes ao processo de implantação do Mosaico e à elaboração do seu Plano Estratégico, as quais são apresentadas a seguir:

- Criar estratégia de comunicação do grupo e, especificamente, elaborar um *site* ou fórum virtual para a manutenção dos debates;
- Intervir prioritariamente sob os vetores de degradação da Serra da Estrela (dentro da APA Petrópolis);
- Amarrar a continuidade dos projetos desenvolvidos no âmbito do mosaico independentemente de questões políticas.
- Deixar explícita na minuta de criação do Mosaico a sua isenção político partidária.

ANEXO 1 – PROGRAMAÇÃO GERAL DA OFICINA

1º DIA: Quinta-Feira, 11 de maio de 2006

09:00- Recepção e Credenciamento;

10:00- Abertura Oficial da OFICINA I MOSAICO CENTRAL FLUMINENSE;

10:45 - Intervalo para café e integração dos participantes;

11:00 - Apresentação dos Participantes;

11:40 - Apresentação dos Objetivos e Dinâmica da Oficina I / Mediador- Clarissa Magalhães

13:00 – ALMOÇO

14:00 - Apresentação e esclarecimentos sobre o Projeto MOSAICOS e Base Cartográfica : Heloisa Dias

15:00 - Relato Histórico e Apresentação /Justificativa da Proposta do Mosaico Central Fluminense: Breno Herrera - Coordenador do Núcleo Mosaicos-IBAMA-RJ e Leonardo de Freitas– Instituto Terra Nova

16:00- Intervalo para café e integração dos participantes

16:10 – 18:00 - Apresentação da Situação atual das Unidades de Conservação e expectativas dos seus gestores e dirigentes com relação ao Mosaico Central Fluminense (15minutos para cada Unidade)

18:00 – 18:30- Debate e encerramento dos trabalhos do primeiro dia

2º DIA: Sexta -Feira,12 de maio de 2006

8:30 - Apresentação dos temas e dinâmica de discussão

9:00 –Discussão da Missão do Mosaico e definição da área de interesse para sua formação e implementação na Região Central Fluminense

10:45- Intervalo para café e integração dos participantes

11:00 – Discussão de arranjos institucionais; disponibilização de informações básicas para o Dossiê, definição de parceiros, responsabilidades e agenda integrada de trabalho.

12:30- Proposta final de encaminhamentos e Agenda

13:00- Avaliação da Oficina e Almoço de encerramento

ANEXO 2 – Teatro de Bonecos**QUEM É “UCES”?**

Direção Geral: Leonardo Sodré

Personagens:

Desenvolvimento, Sr Dedé: Leonardo Sodré

Unidades de Conservação, “Ucês”: Luiz Midéa

Vaidade, Sra Vaidade: Karla Ribeiro

Reserva da Biosfera, Sra Reservada: Brenner Silva

Apresentação: O teatro de bonecos tem por objetivo problematizar temas e conflitos do campo socioambiental de forma lúdica. Uma vez que se trata de bonecos de manipulação relativamente fácil, os próprios atores sociais presentes podem representar seus papéis e de outros no teatro de bonecos. As falas são baseadas na improvisação a partir de roteiro de temas previamente estabelecido.

Principais temas tratados na oficina:

- Chegada das unidades de conservação dentro do contexto do paradigma de desenvolvimento da humanidade;
- A relação entre as UCs e a população no Brasil;
- Os sentimentos de “poder” e “ vaidade” que podem permear a visão das UCs;
- Os mosaicos como mais uma “moda” participativa ou como uma nova forma de integração das UCs.

Música dos mosaicos:

Agora chegou a hora de todo mundo se encontrar,
Agora chegou a hora de o Mosaico formar.

Chegou a hora de unir terra, gente e esperança,
Formando todos juntos uma forte aliança,

Todos juntos na mesma direção.
Cuidando das florestas e da população,

Força pra se desenvolver sem a Natureza destruir,
No Mosaico de nossas idéias, sustentavelmente prosseguir,

Agora chegou a hora de todo mundo se encontrar,
Agora chegou a hora de o Mosaico formar.

ANEXO 3 – Resultado da dinâmica de apresentação dos participantes da Oficina de Articulação Regional do Mosaico Central Fluminense.

Nome	UC/ Instituição	O que o Mosaico pode contribuir?	Riscos/ Limites	Dúvidas/ Sugestões
1. Ernesto B. V. de Castro	Parna Serra dos Órgãos	Integração operacional Ampliação da escala de planejamento e conservação	Ser mais uma instância de reunião sem resultados efetivos Não adesão de UCs importantes	Definir bem as estratégias e atribuições Participação de universidades (pesquisadores)
2. Ivana Lamas	CI/ CEPF	Integrar ações otimizar esforços	Mosaicos devem ajudar, contribuir, agregar (e nunca dificultar e/ ou atrapalhar)	Que a oficina aborde o “acordo” de atribuições de gestão integrada
3. Luís Henrique	Rebio Tinguá	Capilaridade de gestão do meio ambiente	Uso político	Como incluir todas RPPNs e Composição do conselho
4. Hélio Vanderlei	Semades – Paracambi Parque M. Curió de Paracambi	Fortalecer estratégia regional	Superposição de atribuições	Fortalecer articuladores
5. Érika Guimarães	Aliança para a cons. da Mata Atlântica	Favorecer troca de experiências Aprimorar gestão das UCs Otimizar recursos	Desafio da integração entre todas as esferas	Incluir as RPPNs no processo
6. Francine Ramalho	Instituto Terra	Trabalho Integrado entre as UCs Públicas federais, estaduais, municipais e particulares	Políticos partidários	Elaboração do plano de ação
7. Breno Herrera	APA Guapimirim Ibama/ RJ	Escala de Conservação e participação comunitária	Incompatibilidades políticas	Foco na conservação em escala e fortalecimento do SISNAMA
8. Yara Valverde	APA Petrópolis	Integração da gestão eficácia da gestão da conservação	Não adesão de instituições importantes	Regulamentação imagem integrada para o público
9. Leonardo Freitas	Instituto Terra Nova	Fortalecimento do SISNAMA	Ausência de atores importantes	Qual o papel dos Mosaicos no SISNAMA?
10. Mônica de Mesquita Nemer	Movimento Verde	Na gestão mais eficiente das UCs	Políticos	Linha de Ação
11. Edvandro Abreu Ribeiro	RPPN EI Nagual	Melhor comunicação com outras UCs	-	Ligar as UCs com corredores de vegetação

12. Brenner Silva	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais	...Um olhar amplo do fluxo gênico e mêmico (disseminar informações)	...sistematização de informações	Como acompanhar e monitorar a experiência do mosaico?
13. Paulo Lucio	Posto avançado da RBMA Fazenda Santo Antônio/ RPPN Mata dos Pilões	Integração física e gestora das unidades de conservação Estabelecimento de corredores ecológicos na Mata Atlântica	Faltar sinergia Não conseguir frear o desmatamento	Investir na apuração de denúncias e na fiscalização preventiva
14. Marcelo Guimarães	Associação Cairuçu	Plano Estratégico das UCs e esforço integrado para ações conservacionistas	Instabilidade político administrativa e dimensão territorial	Estratégia de comunicação
15. Leandro Travassos	Rebio Tinguá UFRJ	Integrar estratégias de conservação Minimizar o isolamento de populações	Diluição das atribuições e responsabilidades	-
16. Marco Aurélio Fróes	PM Vale do Rio Preto, APA Maravilha e APA Taquaruçú	Gestão integrada, fortalecimento e captação de recursos	Não funcionar paritariamente, dificuldades dos município	Conselho paritário federal/ estadual/ municipal e particular
17. Maurício Lobo	IEF/ RJ	Integração de programas/ projetos UCs	Interferência na gestão administrativa e técnica do órgão central	Criação de GTs com participação do gestor órgão central p/ ex vigilância e fiscalização ambiental
18. René Duque Wollmann	Movimento Verde/ Centro Interativo da Mata Atlântica	A manutenção dos processos ecológicos/ gestão integrada	Interesses políticos e empreendedores	Como integrar as ações federais, estaduais e municipais
19. Flávio Luiz	Parque Estadual Três Picos IEF RJ	Aumento de Poder na estrutura administrativa e operacional	Grande número de UCs pode dificultar as ações integradas	Como incluir UCs municipais sem estrutura
20. Adriano Luz	PE Três Picos – IEF/ RJ	Integração dos Procedimentos técnico-administrativo	Definições das atribuições	Focar o objetivo principal = preservação e conservação
21. Theodoro Hungria	Posto Avançado da RBMA	Integração de instituições de conservação –	Risco- Descontinuidade de projetos	Estabelecer neste encontro uma estratégia

	Fazenda Santo Antônio/ RPPN Mata dos Pilões	sociedade civil atuando em ações de fortalecimento de corredores de biodiversidade e criar ferramenta de planejamento de uso racional de temas	Previsões de planejamento em longo prazo aquém das forças de degradação ambiental Limites- Efetiva integração das ações dos programas de mosaico MAB/RBMA Falta de uma rede virtual (via Internet) entre integrantes do mosaico	permanente de comunicação entre o grupo
22. Lílian Regina (Lili)	Posto Avançado da Reserva Fazenda Santo Antônio RPPN Mata dos Pilões	Integração de instituição de conservação com sociedade civil Restauração dos corredores ecológicos	Conscientização da sociedade civil, falta de informação Inflexibilidade do mosaico nas ações (política)	Que a gestão integrada seja amplamente divulgada
23. Heloisa Dias	RBMA	Integração e fortalecimento da gestão dos remanescentes na região central fluminense	Tamanho e compromisso	Vencer e superar vaidades e concentrar esforços
24. Mário Mantovani	SOS Mata Atlântica	Acabar com a criação de "fazendinhas e quintais" do poder público	Dar certo	Como criar incentivos, fundos para apoio ao município, RPPNs e UCs
25. Paulo Sérgio O. de Souza Leite	Secretaria de Meio Ambiente de Petrópolis Comitê BH do Rio Piabanha/ Paquequer Preto	Integração UC, órgão públicos (Municipal, Estadual e Federal) com a sociedade Fortalecer a preservação do Patrimônio Natural	Não respeitar as diferentes instâncias e peculiaridades Não gerar ações concretas O processo de degradação da Serra da Estrela	Apoio e fortalecimento dos municípios na gestão de UCs Apoio a RPPNs
26. Marta Fonseca	Posto Avançado Fazenda Santo Antônio RPPN Mata dos Pinhões	Fortalecer os corredores ecológicos a partir de várias estratégias Melhorias do conhecimento do patrimônio	Descontinuidade	Reforço de campanha de sensibilização das comunidades

27. Karla Ribeiro	Sistematização	Visão territorial (identidade e soluções)	Motivação, entendimento, comunicação	-
28. Luiz Midéa	Fundação Matutu	Visão integrada dos ecossistemas	Assunto restrito de UCs	Estratégias de envolvimento dos particulares e sociedade civil?
29. André Nolf	RBMA	Integração fortalecimento identidade	Integração inter e intra institucional consenso jurídico	
30. Gabriela Viana	ESEC Paraíso (Associação Mico Leão Dourado)	Integração para o fortalecimento da gestão	Divisão de responsabilidades (diferentes níveis administrativos)	Como integrar as diferentes gestões – municipal/ estadual/ federal